

*ABELARDO, Pedro. Lógica para Principiantes. Introdução e tradução de Carlos Arthur R. do Nascimento. Petrópolis : Vozes, 1994. 80 p.*

Qualquer estudioso da filosofia medieval há de se recordar da valiosa colaboração que Guilherme de Moerbecke (1215 - 1286) prestou a S. Tomás no que concerne ao minucioso trabalho de comentar as obras de Aristóteles. Uma vez que o *Doctor Angelicus* não conhecia suficientemente o grego para uma empreitada de tal envergadura, houve por bem encarregar seu confrade não só de traduzir as obras do estagirita, como também de revisar as traduções já existentes. Aliás, nesse episódio, delineia-se o caráter de S. Tomás, no que diz respeito à sua insuspeita honestidade intelectual.

Os tempos passaram. Muita coisa mudou. Entretanto, auxílio idêntico ao que nos referimos acima será sempre bem-vindo. É, guardadas as devidas proporções, o que faz o Prof. Carlos Arthur, um dos mais competentes estudiosos do pensamento medieval, ao traduzir a *Lógica Ingredientibus*, de Abelardo (1079-1142). Apenas um ponto a ressaltar: se o trabalho de Moerbecke visava ajudar seu confrade, a necessidade de tradução da referida obra foi sentida pelo próprio Prof. Carlos Arthur, ao iniciar, em 1976, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, um curso sobre o problema dos universais na Idade Média. Além das dificuldades inerentes à compreensão do texto de Abelardo, sentiu ainda o problema das traduções então existentes. A Abril Cultural S.A. e Industrial, em 1973, publicou pela primeira vez a tradução para a nossa língua. Trata-se de um trabalho do Prof. Ruy Nunes (vol. VII, Coleção *Os Pensadores*, pp. 205-245). Sem desmerecer o trabalho do referido mestre, o Prof. Carlos Arthur empreendeu uma nova tradução, inclusive aproveitando o trabalho do Prof. Ruy Nunes e cotejando-o a outras traduções em outras línguas, conforme menção que

aparece na p. 10 do texto ora resenhado. O original latino utilizado foi a edição de B. Geyer, *Peter Abaelars philosophische Schriften*, publicada em Munster, em 1919.

O subtítulo da obra indica o ponto inicial da discussão de Abelardo: “Início das glosas do Mestre Pedro Abelardo sobre Porfírio”.

De fato, Porfírio, logo no início de sua *Isagoge*, deixou sem resposta as seguintes perguntas que ele próprio formulou:

- 1) Qual é o modo de existência dos universais: existem eles na realidade ou apenas no pensamento?
- 2) Se o real existe, seria ele corpóreo ou incorpóreo?
- 3) Em relação às coisas sensíveis, estarão eles separados ou no interior delas?

Abelardo procura retomar a definição aristotélica do universal (“aquilo que é naturalmente apto para ser predicado de muitos”), e acrescenta uma quarta questão: É necessário que exista alguma coisa que corresponda aos gêneros e às espécies enquanto tais, ou o universal pode continuar a existir apenas pela significação do conceito, sobrevivendo à sua própria destruição? Ou seja, se desaparesem as rosas, a palavra “rosa” continuaria a ter o mesmo significado? Isso permite a Abelardo reduzir o conceito de universais a uma só questão: onde eles se encontram, a saber, nas palavras (*vox*) ou igualmente nas coisas (*res*)? A resposta de Abelardo foi duramente combatida, especialmente por Bernardo de Claraval. Contudo, isso não foi o suficiente para que a resposta do filósofo fosse definitivamente esquecida. A questão surge com todo o seu vigor no século XIV.

O trabalho do prof. Carlos Arthur não se resume apenas na tradução que oferece, mas também na Introdução (pp. 15-32) que elabora, aliás, bastante esclarecedora em relação aos conceitos tratados por Abelardo. Além disso, no Prefácio (pp. 9-13), o autor nos remete a uma bibliografia, pequena, mas essencial. Recomenda àqueles que porventura desejam uma bibliografia mais ampla a dissertação de mestrado (ainda não publicada) brilhantemente defendida pelo Prof. José Carlos Estêvão (atual professor de Filosofia Medieval na USP), em 1989, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob sua orientação.

*Paulo de Góes*

*(Departamento de Filosofia)*